



RESUMOS > COMUNICAÇÕES

Quarta-feira > 18/10 > 14:00-15:30

Auditório Bicalho

Pedro Sússekind > Universidade Federal Fluminense

Danto e Belting: o enquadramento da teoria e o exercício da crítica

Hans Belting publicou em 1983 seu ensaio chamado O fim da história da arte?, cujo título formula a pergunta que ele procurou responder. Mais de dez anos depois, veio a público uma outra versão do livro – desta vez sem o ponto de interrogação –, que reelabora as questões apresentadas anteriormente. Nessa segunda versão, o autor comenta o desenvolvimento simultâneo e paralelo entre as suas teses e as de Arthur Danto, que tinha publicado em 1984 o texto “O fim da arte”. As conclusões de Belting, por sua vez, também foram comentadas pelo filósofo norte-americano no contexto de uma retomada do tema na década de 1990, no livro Após o fim da arte.

Nesse diálogo sobre um tema em comum, Danto apresenta a tese de seu interlocutor como uma nova ideia a respeito da relação entre arte e história, uma ruptura com a concepção tradicional de descrição de obras e estilos. A noção de que “a arte não parecia mais ter a possibilidade de uma história progressiva e desenvolvimentista”, defendida por Belting, tinha uma proximidade evidente com um dos principais temas do texto “O fim da arte”: a crise dos modelos tradicionais de narrativa orientados por definições gerais da arte baseadas em conceitos como imitação ou expressão.

Além do diagnóstico do fim da história da arte, identifico nas reflexões de Belting e de Danto uma avaliação semelhante a respeito do exercício da teoria. Apesar das suas divergências metodológicas e filosóficas, ambos defendem, a partir da constatação do pluralismo da produção artística contemporânea – ou “pós-histórica” –, que a teoria da arte precisa enfatizar a interpretação de obras singulares.

Portanto, a filosofia e a história da arte se aproximam, cada uma à sua maneira, da crítica.

Filipe Campello > Universidade Federal de Pernambuco

Limites do estético: Sobre a tensão entre estética e política em Arthur Danto

A arte pode ser esteticamente bela quando seus conteúdos dizem respeito a problemas sociais?" A pergunta posta pelo filósofo norte-americano Arthur Danto em "O Abuso da beleza" é tanto provocadora quanto ambígua. Neste trabalho, a partir de exemplos da produção artística contemporânea, vou discutir as tensões nas possíveis respostas a esta inquietação, desdobrando meu argumento em dois passos. Primeiramente, apresento brevemente como no decorrer da teoria de Danto o sentido de limite do estético deslocou-se da tendência a uma superação da estética para uma ressignificação do caráter estético da arte. Em seguida, discuto alguns impasses da interpretação de Danto, em particular na sua distinção entre beleza e excelência artística. Tento mostrar que há um risco de reducionismo na relação entre estética e política, devendo ser mantida, antes, uma tensão produtiva entre os dois âmbitos.

Walter romero menon jr. > Universidade Federal do Paraná

A questão dos indiscerníveis: a leitura de Danto da teoria da representação de Goodman em A transfiguração do lugar comum.

A questão dos indiscerníveis é central na interpretação de Danto da obra de arte contemporânea. Ela nasce a partir da análise que o filósofo faz das Brillo Box de Warhol e se sustenta em grande medida na retomada de um conceito de representação como denotação. Nesse sentido, vai de encontro à ideia corrente de que representação visual se baseia na similaridade com o representado, tipificada no paradigma, por assim dizer, mimético da arte. Aí também estaria pressuposta a tese de que a obra de arte não se define por propriedades estéticas. O diálogo com a teoria da representação

de Nelson Goodman, função denotativa da arte, seria, portanto, de importância para o argumento de Danto sobre a diferença entre arte e realidade desenvolvida em sua obra *A transfiguração do lugar comum*.